



Da Literatura Epistolar à E-pistolar: Panorama em Rede(finções)

Márcia Fusaro

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Líder e membro de grupos de pesquisa da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Contato com a autora: profmarciafusaro@gmail.com

Resumo: Existe literatura epistolar nos dias de hoje? Em tempos onde os usos da tecnologia reveem conceitos de tempo, espaço e *modus operandi* na comunicação, haverá ainda espaço e alcance para a literatura epistolar nesse contexto contemporâneo, revisor do próprio conceito de literatura e do gênero epistolar? Diante de tais rizomas reflexivos, multifacetados, dada a fluidez desse gênero de difícil categorização, desenvolveremos reflexões, em sobrevoo panorâmico, sobre a carta (epístola) como fascinante gênero literário, por vezes, injustamente relegado a segundo plano nos cânones definidores da alta literatura.

Palavras-chave: Carta. Epístola. E-pístola. Literatura epistolar.

Abstract: From epistolary to e-pistolary literature: redefiNeting a Panorama: Is there epistolary literature nowadays? In times when the use of technology revisits concepts of time, space and *modus operandi* in communication, will there still be space and reach to epistolary literature within such a contemporary context, which is itself, the reviser of both the very concept of literature and of the epistolary gender? Before such multifaceted reflexive rhizomes, due to the fluidness of such a hard-classifying gender, we will develop reflections, from a panoramic view, about the letter (epistle) as a fascinating literary gender which sometimes is unfairly regarded a lower importance-gender, according to the defining canons of high literature.

Keywords: Letter. Epistle. E-pistle. Epistolary literature.



1. Introdução

As cartas são um rizoma, uma rede, uma teia de aranha.

Deleuze; Guattari

Existe literatura epistolar nos dias de hoje? Em tempos onde os usos da tecnologia reveem conceitos de tempo, espaço e *modus operandi* na comunicação, haverá ainda espaço e alcance para a literatura epistolar? Contexto contemporâneo que se impõe, diga-se de passagem, inclusive como revisor do próprio conceito de literatura e, em seu seio, do gênero epistolar. É diante de tais rizomas reflexivos, multifacetados de saída, dada a fluidez desse gênero de difícil categorização, que inicio esta proposta de análise, em sobrevoo panorâmico, sobre a carta (epístola) como fascinante gênero literário, por vezes, injustamente relegado a segundo plano nos cânones definidores da alta literatura.

Conforme o Dicionário de Termos Literários, epístola vem do latim *epistula* e do grego *epistole* (MOISÉS, 2004, p. 160-1). Sinônimo de carta, a epístola é um gênero cultuado desde a Antiguidade, principalmente, em termos bíblicos e durante o Império Romano. Quase adormecido como gênero de manifestação literária durante a Idade Média, ressurgiu no Renascimento (século XVII) na forma do então denominado romance epistolar, que teve seu auge no século XVIII. Desde então, tem sido um gênero constantemente revisto, em deslizamentos conceituais, mas de alguma forma, sempre atuante, em maiores ou menores proporções, no meio literário.

Sobre a epistolografia literária, cabe ainda, na atualidade, a pergunta que vem ocupando críticos literários e outros estudiosos desde o surgimento da carta como meio de comunicação: em que medida cartas podem ser consideradas literatura? E mais: em que medida podem ser consideradas alta literatura? Aventa-se já aqui, de saída, uma resposta positiva na medida em que grandes autores, ao longo do tempo, têm transformado esse gênero em criação literária dotada de alto teor de estilo e originalidade, a exemplo do que veremos ao longo deste artigo.

Oscilações entre o verdadeiro e o ficcional, o público e o privado, bem como a intrigante presentificação de um objeto – a carta – (in)capaz de preencher uma ausência entre sujeitos, além de fatores relativos ao tempo, espaço e memorialismos diferenciados, entre tantas outras questões igualmente fascinantes, sinalizam a dificuldade de se categorizar como gênero literário. Por outro lado,



são justamente todas essas incertezas e oscilações que comportam seus elementos literários mais fascinantes.

2. Das epístolas clássicas

Iniciemos por onde é sempre recomendável iluminar reflexões sobre a Literatura com L maiúsculo: os clássicos. Registra-se a relevância da escrita epistolar, como gênero, desde a Antiguidade, com escritos de teor mais particular até reflexões mais amplas, conceituais. A comunicação por meio de cartas (epístolas, missivas) foi muito cultuada em textos clássicos, incluindo aqueles de teor religioso, como a Bíblia, onde se leem, por exemplo, as epístolas de São Paulo.

Na Roma da produção clássica latina, a *epistula* esteve muito presente como meio de comunicação, comportando temas dos mais variados, desde convites para refeições, recomendações, até questões filosóficas, declarações de amor e comunicados oficiais. Na literatura latina, encontram-se inúmeros tipos de epístola: cartas privadas, públicas, oficiais, abertas, doutrinárias ou científicas, proêmios ou de dedicatória, e cartas poéticas (REBELLO, 2014, p. 264).

Dentre estas últimas, destacam-se belíssimas *epistulae* portadoras, inclusive, de reflexões conceituais sobre poesia, como a epístola que compõe a “Ars Poetica” de Horácio, em que o poeta-pensador latino expõe suas ideias não somente sobre literatura, em seus vários gêneros, mas também sobre a formação do poeta. Entendendo a produção de literatura como algo associado a fins éticos, celebra os mestres gregos, a exemplo de Aristóteles na “Poética”, nos quais ele e outros poetas latinos se inspiraram. “[...] compulsai de dia e compulsai de noite os exemplares gregos” (REBELLO, 2014, p. 270).

Destacam-se também as cartas poéticas de Ovídio. Suas “Cartas Pônticas”, escritas no exílio, combinam o discurso epistolar e o poético por meio dos quais o poeta emprega altas doses de polissemia e conotação (BENITES, 2011, p. 266). Tais escritos, posto que clássicos, comportam reflexões que se estendem até nossos dias, como por exemplo, até que ponto a carta comporta o discurso particular e o público, e em que medida o resultado disso pode vir a ser considerado alta literatura.

Pela égide clássica, destacam-se ainda as “Cartas a Lucílio” (*Epistulae Morales ad Lucilium*), principal obra de Sêneca, escritas durante seu retiro em sua fase mais madura. Na destacável análise de Foucault sobre as cartas de Sêneca, desenvolvida em sua aula de 17 de fevereiro de 1982, dentre outras reunidas no volume “A Hermenêutica do Sujeito”, trata-se de cartas de direção espiritual e individual (FOUCAULT, 2010, p. 233-238). Não se sabe se, de fato, se elas teriam sido elas fruto de uma correspondência real entre Sêneca e seu interlocutor, ou mera ficção literária criada pelo pensador latino, imbuído do intuito de manifestar suas reflexões sobre a vida, em sentido amplo, e a civilização



romana. Sobre Lucílio, suposto discípulo a quem Sêneca se dirige, sabe-se muito pouco de sua biografia. Ao que parece, por índices textuais fornecidos pelo próprio Sêneca, além de interesses filosóficos, Lucílio dedicou-se também à literatura, como nos versos dedicados ao vulcão Etna, tema que também interessara Virgílio, Ovídio e Cornélio Severo e, por isso mesmo, leva Sêneca a tentar dissuadi-lo dessa repetição temática. Nesse intuito, desenvolve algumas de suas opiniões pessoais sobre a preferência em evitar temas repetitivos por parte do poeta, como se percebe no excerto a seguir, extraído da Carta 79:

Que presente queres que eu te ofereça para te dissuadir de incluíres no teu poema a descrição do Etna, e renunciarestes a um motivo que tem atraído todos os poetas? Tema que nem o facto de Virgílio o ter desenvolvido, impediu Ovídio de também o tratar, tal como ambos estes poetas não dissuadiram Cornélio Severo de igualmente o versar. De resto, foi este um tema que se prestou a todos eles em abundância: parece-me a mim que os poetas mais antigos, longe de esgotarem o assunto, apenas indicaram os tópicos a desenvolver. Há grande diferença entre um tema já esgotado e outro meramente aludido: neste caso, a matéria vai dia a dia ganhando amplitude, e as exposições já feitas não impedem a feitura de outras novas. Pode também dizer-se que a situação do último poeta da lista é privilegiada, pois encontra à sua disposição imagens já feitas que, inseridas em novo contexto, ganham diferente coloração (SÊNeca, 1991, p. 339).

Vê-se nesse conjunto epistolar não somente a preocupação da correspondência com o outro, mas também a de formar e compartilhar conceitos ligados à literatura. Poetas-pensadores que, pela via epistolar, e porque clássicos, posicionam-se frente a si mesmos, à sua arte e à produção literária de sua época.

3. Dá-se o romance epistolar

Na Idade Média, não se pode deixar de citar a poética-pensante das clássicas cartas trocadas entre Abelardo e Heloísa, protagonistas de uma das mais belas e trágicas histórias de amor. Conforme Zumthor (2000, p. 5-11), essa correspondência se conservou por meio de manuscritos cujo arquétipo principal pertence à biblioteca de Troyes, copiado no final do século XII, portanto, cento e cinquenta anos depois dos eventos relatados. Sujeitas a críticas de estudiosos no século XIX, quanto às suas supostas origens, tais questionamentos se resumem a quatro hipóteses segundo Zumthor: essa correspondência seria autêntica, datada do século XII, mas retocada no século posterior; a coletânea de cartas seria uma espécie de romance epistolar com finalidade moral, escrita pelo próprio Abelardo; as cartas teriam sido coligadas e corrigidas por Heloísa, após a morte de seu esposo; e a última e mais radical hipótese: as cartas seriam um dossiê factício, compilado no Convento do Paraclete, fundado por Abelardo, na segunda metade do século XIII com base em documentos autênticos misturados a



lembranças e costumes regidos pela transmissão oral própria do período. Fictícia ou não, o fato é que essa belíssima correspondência tem gerado, desde então, inúmeras inspirações, dentre elas, treze em prosa e onze em verso, mencionadas por Zumthor, incluindo o romance epistolar de Rousseau que, no século XVIII, não por acaso, intitular-se-ia *La Nouvelle Heloise* (A Nova Heloísa).

O gênero literário batizado de romance epistolar, marcado pelo retorno aos clássicos pelo viés antropocêntrico, surge, de fato, no século XVII e se estende pelo século XVIII, considerados o período de auge do romance epistolar. Como novo gênero, congrega vários dos alcances reivindicados pelo sujeito renascentista perpassado por novos conceitos científicos e filosóficos, advindos das ideias de Newton, Descartes, Rousseau, entre outros, que influirão definitivamente na arte, incluindo a literatura.

O apelo ao diálogo que pressupõe a ausência do outro, próprio do gênero epistolar, faz-se voz alternativa desejável e concretizada no romance epistolar, moldado a esse novo sujeito (re)visitador dos clássicos pelo olhar da individualidade solicitadora de novas dimensões entre a emoção e a razão. Dá-se então, uma sinfonia de vozes literárias características de grandes autores-pensadores, gerando todo um rol de romances epistolares famosos, como “As Cartas Portuguesas” (1669) de Gabriel de Guilleragues; “As Cartas Persas” (1721) de Montesquieu; “Pamela” (1740) e “Clarissa” (1744) de Samuel Richardson; “A Nova Heloísa” (1761) de Rousseau; “Os Sofrimentos do Jovem Werther” (1774) de Goethe; “As Relações Perigosas” (1782) de Choderlos de Laclos, entre outros.

Na literatura epistolar, a voz em primeira pessoa se mistura à terceira pessoa, pressuposta na leitura do e pelo outro, figura ausente. Grandes narrativas epistolares de amor permeiam esse contexto, fruto do sujeito romântico do século XVIII, e que se prolongará, sob novas tonalidades, pelo realismo do século XIX. Dois exemplos destacáveis de romances epistolares do século XIX são: “Memórias de Duas Jovens Esposas” (1841) de Balzac e “Drácula” (1897) de Bram Stoker.

O surgimento do jornal, no século XIX, inclui-se como novo elemento de prestígio, mas também de imprecisão do gênero epistolar, repercutindo na ampliação de seus hibridismos textuais (BARBOSA, 2011). Adjetivações, como público e privado, romance epistolar e carta para jornal (por vezes com uso de pseudônimo), batalhas ideológicas, literárias e políticas, entre outros recortes, misturam-se e contribuem para maiores deslizamentos sobre o gênero epistolar nesse período.

Aqui, também não se pode deixar de mencionar as clássicas “Cartas a um Jovem Poeta” de Rilke. Escritas entre 1903 e 1908, publicadas postumamente em 1929, tornaram-se verdadeiro manual, no melhor sentido do termo, de criação poética para autores e frequentadores de literatura de qualidade no século XX.



4. A carta como “escritura” e “máquina literária” no século XX

Celebram-se aqui, por admiração confessa de nossa parte, dois dos olhares mais sofisticados da intelectualidade do século XX que também utilizaram cartas como refinado instrumento literário e de expressão do pensamento: Roland Barthes e Gilles Deleuze. Alguns posicionamentos intelectuais de ambos, sem cruzamentos necessariamente diretos, mas igualmente lancinantes na sofisticação dos textos, alguns destes epistolares, mostram-se referenciais, dada sua abordagem original sobre o papel da crítica, da literatura e da arte, entre outros tantos temas aos quais ambos dedicaram atenção.

Barthes e Deleuze se encontraram pessoalmente em 1975 durante uma mesa-redonda dedicada a Proust (DELEUZE, 2016, p. 35-62), autor cuja obra lhes rendeu sofisticadas análises. No ambiente epistolar, pode-se dizer que ambos também tiveram momentos destacáveis, principalmente, devido ao contexto favorecido pela era pré-internet, em que era muito comum a troca de cartas entre os intelectuais. Nesse sentido, chegam-nos registros preciosos da atuação de ambos no tocante ao gênero epistolar tornado “escritura” por Barthes e “máquina literária” por Deleuze, dois conceitos fundadores do pensar crítico elaborado por ambos.

Para Barthes, *écriture* (escrita ou escritura, dependendo da opção tradutória em português) “é um jeito de pensar a Literatura, não de estendê-la” (BARTHES, 2004, p. 14). Principalmente, aquela germinada a partir do século XIX, quando a escrita clássica explodiu e, por volta de 1850, o escritor se tornou, a seu ver, uma consciência infeliz, solitária. Como consequência:

Há cem anos que toda escrita é assim um exercício de domesticação ou de repulsa em face dessa Forma-Objeto que o escritor fatalmente encontra em seu caminho, que ele tem de olhar, enfrentar, assumir, e que jamais pode destruir-se a si mesmo como escritor. A Forma se suspende diante do olhar como um objeto; qualquer coisa que se faça, ela é um escândalo: esplêndida, parece fora de moda; anárquica, é associal; particular com relação ao tempo ou aos homens, de qualquer maneira é solidão (BARTHES, 2004, p. 5 e 6).

Em sagaz aglutinação conceitual, levada a cabo por Leda Tenório da Motta entre os conceitos de escritura desenvolvidos por Philippe Sollers e Éric Marty, *écriture* seria a “ressignificação do estilo como breve, violento e profanador” (MOTTA, 2010, p. 234).

Nesse sentido, e somando-se ao viés fundador das várias possibilidades epistolares até aqui apresentadas, enaltece-se a própria escritura de Barthes como marca de seu estilo singular levado a cabo em uma de suas críticas literárias mais agudas, nas lancinantes cartas trocadas entre ele e Camus, em 1955, por ocasião do lançamento do livro *A Peste*. Categorizando a obra de Camus não como romance, mas como mera crônica, com deslizamento oscilante entre romance e história, que poderia haver adquirido a grandeza de tragédia, mas acabou adquirindo um ar meramente moralista.



Barthes levou Camus a se defender em uma carta subsequente, a qual Barthes enviaria uma tréplica (GUTIÉRREZ, 1996). Essa troca de cartas se mostra não somente uma aula sobre crítica literária, pelo viés epistolar, mas, no agudo exercício textual de Barthes, uma potência literária tornada ato por meio de sua escritura.

Sublime, ainda, e digno de citação, o momento da sua escritura em que Barthes define a carta de amor, em “Fragmentos de um Discurso Amoroso”:

CARTA. A figura visa a dialética particular da carta de amor, ao mesmo tempo vazia (codificada) e expressiva (cheia de vontade de significar o desejo). [...] Como desejo, a carta de amor espera sua resposta; ela impõe implicitamente ao outro de responder, sem o que a imagem dele se altera, se torna outra. [...] A marquesa [de Mertueil, em *As Relações Perigosas*] não está apaixonada; o que ela postula é uma correspondência, quer dizer, um empreendimento tático destinado a defender posições, a assegurar conquistas: esse empreendimento deve conhecer os pontos (os subconjuntos) do conjunto adversário, que dizer detalhar a imagem do outro em vários pontos em que a carta tentará tocar (trata-se na verdade de uma correspondência, no sentido quase matemático do termo). Mas, para o enamorado, a carta não tem valor tático: ela é puramente expressiva – para ser exato elogiosa (mas o elogio aqui é desinteressado: é apenas a fala de devoção); o que estabelecemos com o outro, é uma relação, não uma correspondência: a relação liga duas imagens (BARTHES, 1990, p. 3 e 32).

Sobre cartas de amor, lembramos da análise igualmente sublime efetuada por Deleuze e Guattari sobre o gênero carta na obra de Kafka (na época, enamorado por Felice Bauer), transformada em máquina literária pelo escritor tcheco quando elevada ao conceito literariamente universal em que o objeto (carta) se torna desterritorializador do amor. Para ambos, as cartas apresentam, de forma direta ou indireta, “a força diabólica da máquina literária” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 58), posto que maquinar cartas não se trata de uma questão de ser sincero ou não ao escrevê-las, mas de agenciar seu funcionamento.

Os elementos da máquina literária já estão nas cartas, mesmo se estão insuficientemente dispostos e se mantêm inúteis: a fotografia estereotipada no bilhete postal, a escrita no verso, o som que corre e que é lido a meia voz, num só tom, a intensidade. No primeiro encontro com Felice, Kafka mostra-lhe essas fotografias, esses bilhetes postais em Weimar, como se servisse para encetar um novo circuito em que as coisas se vão tornar mais sérias (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 59).

Ambos afirmam mesmo ser impossível conceber a máquina literária de Kafka “sem fazer intervir o móbil epistolar” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 58). Lembre-se ainda, nesse sentido, a lancinante “Carta ao Pai” (1919), escrita por Kafka mais como voz enunciadora do que propriamente dada a requerer alguma enunciação.

Deleuze também se utilizou de cartas como máquina literária em seu próprio discurso filosófico. Nunca dado a embates, nem a outros tipos de confrontos intelectuais diretos, que



considerava desgastantes, apresentou na “Carta a um crítico severo”, um de seus momentos de resposta intelectual mais belos e lancinantes. A começar pela primeira frase da carta, deliciosamente diabólica –aspecto que ele e Guattari atribuem às cartas de Kafka – com que se dirige ao seu algoz: “Você é encantador, inteligente, malevolente, quase ruim” (DELEUZE, 1992, p. 11).

Igualmente belas, perpassadas por consistência intelectual, são as cartas que Deleuze trocou com seu ex-orientando, tradutor e divulgador de sua obra em japonês, Kuniichi Uno. Em uma delas, lê-se passagem de nobre delicadeza sobre sua amizade com Guattari, reveladora textual de sua própria máquina literária:

Félix sempre teve muitas dimensões, muitas atividades – psiquiátricas, políticas, trabalho de grupo. É uma “estrela” de grupo. Ou antes seria preciso compará-lo a um mar: sempre móvel em aparência, com brilhos de luz o tempo todo. Ele pode pular de uma atividade a outra, dorme pouco, viaja, não para. Ele nunca *cessa*. E tem velocidades extraordinárias. Quanto a mim, eu seria antes como uma colina: mexo-me muito pouco, sou incapaz de levar duas empreitadas, minhas ideias são ideias fixas e os raros movimentos que tenho são interiores. Gosto de escrever sozinho, mas não gosto muito de falar, exceto nas aulas, quando a palavra é submetida a outra coisa. Nós dois, Félix e eu, daríamos um bom lutador japonês (DELEUZE, 2016, p. 249).

Também se destacam as três cartas de Bergson, endereçadas a Deleuze, em que o primeiro reconhece o jovem filósofo como promissor, antecipando, inclusive, as críticas que este receberia ao se debruçar sobre o bergsonismo e incentivando-o a prosseguir. Cartas intelectualmente belíssimas, dado o contexto de diálogo entre dois dos filósofos mais originais de suas respectivas épocas. Lembrando de que Bergson foi laureado com o Nobel de Literatura em 1927. Seu estilo, nas cartas, apresenta alto teor literário, como , toda sua obra filosófica, a exemplo do que faria o próprio Deleuze em sua obra.

5. Algumas vozes notórias do epistolário-literário em língua portuguesa

Há também alguma tradição epistolar na literatura de língua portuguesa. Anunciada, de saída, pelo olhar de admiração descobridora de Pero Vaz de Caminha. A tradição se estende a alguns momentos epistolares destacáveis, por autores que, em algum momento, lançaram mão deste gênero com originalidade.

Dentre esses, têm-se, por exemplo, as “Cartas Chilenas” (1845) de Tomás Antonio Gonzaga. Escritas supostamente no Chile, endereçadas de Critilo para Doroteu, as cartas falam sobre um tal



Fanfarrão Minésio, em uma original estratégia literária para o autor criticar, por analogia, Minas Gerais e seu governador corrupto, Luís da Cunha Menezes.

Machado de Assis também fez uso fluente de um epistolário marcado por sua pena literária. Sua produção inclui desde troca de cartas apaixonadas com Carolina, sua futura esposa, até trocas intelectuais com diversos conhecidos e amigos, incluindo escritores como José de Alencar, Rui Barbosa e Visconde Taunay, entre outros.

Exemplo tão singelo quanto as cartas amorosas de Kafka, mencionadas anteriormente, tem-se em algumas que Machado endereçou a Carolina antes do casamento, em que se leem declarações repletas de paixão e admiração intelectual do tipo:

Tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar, sentir e pensar. Como te não amaria eu? [...] Obrigado pela flor que me mandaste; dei-lhe dois beijos como se fossem em ti mesma, pois que apesar de seca e sem perfume, trouxe-me ela um pouco de tua alma. [...] Escreve-me e crê no coração do teu Machadinho. (ASSIS, 1997, p. 9 e 10).

Com José de Alencar, o teor do diálogo epistolar é de compartilhamento de ideias sobre crítica literária, a partir de uma carta enviada por Alencar contando-lhe sobre a visita que recebera de Castro Alves, então um jovem escritor, que lhe apresentara sua peça de teatro “Gonzaga ou a Revolução de Minas”, baseada em temáticas abolicionistas sobre os inconfindentes, e amorosas, inspiradas nos escritos de Marília de Dirceu, de Gonzaga. Em suas cartas, tanto Alencar quanto Machado se mostram generosos sobre o estilo de Castro Alves. Em meio a citações de clássicos, como Cícero, Horácio, Virgílio, Dante e Vitor Hugo, entre outros, essas cartas são exemplos de alta literatura não somente pelo refinado estilo de ambos, mas também pelo conteúdo criticamente literário.

Retomando o tema cartas de amor, lembremos ainda, do muito citado poema de Fernando Pessoa, escrito um mês antes de sua morte pela pena do heterônimo Álvaro de Campos: “Todas as cartas de amor são/ ridículas. / Não seriam cartas de amor se não fossem/ ridículas. / Também escrevi em meu tempo cartas de amor, / Como as outras, ridículas” (PESSOA, 1992, p. 399 e 400). Como também, as cartas trocadas com Ophelia, na primeira fase da relação, com ambos derramadamente apaixonados, tratam-se por apelidos comuns a casais no trato íntimo, ele chamando-a de “bebê anjinho; bebê fera; bebê mau; bonito; nininha”, entre outros apelidos, e ela tratando-o por “íbis bonito; meu preto; meu lindo amo; nininho”, entre outros (CAVALCANTE FILHO, 2011, p. 145). Ophelia chega a criticar para Pessoa certas posturas de Álvaro de Campos: “Olha, Nininho, eu não gosto dele, é mau” (CAVALCANTE FILHO, 2011, p. 146), chegando a confessar que uma vez casada, não o desejaria na “nossa casinha” (CAVALCANTE FILHO, 2011, p. 146). Na segunda fase da relação, mais fria, ambos se tratam com mais formalidade, quando se lê, por parte de Pessoa, frases do tipo:



“Faze o possível por gostares de mim a valer... faze, ao menos, por o fingires bem” (CAVALCANTE FILHO, 2011, p. 147).

Diferentemente do teor quase infantilizado de suas cartas de amor, principalmente, as da primeira fase do relacionamento com Ophelia, as cartas trocadas por Pessoa com seus amigos escritores, como Mario de Sá-Carneiro, João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro são perpassadas por momentos de refinada poeticidade, por vezes acentuadamente depressiva, bem ao gosto pessoano. Como esta, enviada a Mario de Sá-Carneiro em 14 de março de 1916:

Estou num daqueles dias *em que nunca tive futuro*. Há só um presente imóvel com um muro de angústia em torno. A margem de lá do rio nunca, enquanto é a de lá, é a de cá, e é esta a razão íntima de todo o meu sofrimento. Há barcos para muitos portos, mas nenhum para a vida não doer, nem há desembarque onde se esqueça. Tudo isto aconteceu há muito tempo, mas a minha mágoa é mais antiga. Em dias da alma como hoje eu sinto bem, em toda a consciência do meu corpo, que sou a criança triste em quem a vida bateu. Puseram-me a um canto de onde se ouve brincar. Sinto nas mãos o brinquedo partido que me deram por uma ironia de lata. Hoje, dia catorze de Marco, às nove horas e dez da noite, a minha vida sabe a valer isto. (PESSOA, 1916).

De inestimável valor epistolográfico, lembremos ainda, a preciosa correspondência em língua portuguesa deixada por Mário de Andrade, correspondente contumaz em sua própria avaliação. Marco Antonio de Moraes, organizador do volume da correspondência trocada entre Mario de Andrade e Manuel Bandeira, relata o grande volume de cartas deixadas pelo primeiro, englobando diálogos com escritores, artistas plásticos, músicos e outros pensadores do período, compondo um acervo digno da epistolografia de grandes autores universais (MORAES, 2000, p. 9). Segundo o organizador, a riqueza literária das cartas trocadas entre Mario e Bandeira abre espaço para que o conjunto seja visto, de fato, como “romance”, em que o diálogo epistolar entre ambos “forja um espaço ficcional privilegiado para onde convergem personagens, situações, confrontos e ambiência histórica abarcando mais de duas décadas” (MORAES, 2000, p. 13).

Valor literário tem igualmente nas cartas trocadas entre Fernando Sabino e Clarice Lispector, durante o período em que ela residiu fora do Brasil, acompanhando o marido diplomata. Em uma delas, enviada de Berna, na Suíça, em 19 de junho de 1946, descobrimos, em inusitada e deliciosa surpresa, que Clarice se interessou por estudos científicos: “Eu tenho ido de tarde à biblioteca pública. E por estranho que pareça, estou estudando cálculo das probabilidades. Não só porque o abstrato cada vez mais me interessa, como porque eu posso renovar minha incompreensão e concretizar minhas dificuldades gerais” (LISPECTOR apud SABINO, 2001, p. 1-20). Ou, ainda, passagem em que ela revela, não sem alguma dose literária, descobertas sobre a obra de Proust, em carta enviada também de Berna, datada de 8 de fevereiro de 1947:



Fui no dia 4 de janeiro a Paris e voltei no dia 4 de fevereiro. [...] Soube de coisas que me deixaram confusa, como por exemplo: a Albertina do Proust ainda existe e tem um restaurante, só que Albertine é um Albertino, sempre foi, e hoje está bem gordo, com grandes bigodes. Albertine era um rapazinho empregado no hotel Ritz, e Proust fez uma ótima transposição colocando o caso todo com uma mulher. Fiquei muito confusa. Tinha-se marcado um dia para ver Albertino, mas ficou difícil e eu não insisti muito porque não queria amolar Proust (LISPECTOR apud SABINO, 2001, p. 79 e 80).

Na literatura mais recente, podemos citar a epistolografia de Paulo Leminski, trocada com o também poeta e amigo Régis Bonvicino, nas décadas de 1970 e 1980. Professor, tradutor, ensaísta, faixa preta de judô, poeta apaixonado por haicais, Leminski produziu toda uma profusão epistolar multifacetada, bombástico-estilística que oscila entre poemas, ensaios, anotações e imagens gráficas. Suas cartas, mostram-se reflexo original de seu estilo inquieto, vigoroso, que reconhecem não somente traços de alta literatura, mas daquela perpassada por refinadas tonalidades semióticas advindas de influências de vários de seus contatos intelectuais, incluindo poetas concretos do naipe de Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari.

Ana Cristina César merece igualmente destaque em seu percurso epistolar de 1976 a 1980. Arrasadoramente sinuosa por toda sua obra, a inquietação existencial da poeta, ensaísta e professora, levou-a, por fim, ao suicídio aos 31 anos. Endereçadas a suas professoras, consideradas grandes amigas, dentre elas, Heloísa Buarque de Hollanda, uma das organizadoras da publicação, as cartas de Ana Cristina são escritura sofisticada, em que o epistolar perde vínculos de correspondência para se insinuar de modo muito original pela prosa poética. Como nesse fragmento de uma carta enviada à Clara de Andrade Alvim em 5 de maio de 1976, escolhido entre tantos outros que poderiam ser aqui mencionados.

De resto: aulas no Souza Leão (hoje quase arranquei os cabelos porque os alunos ficaram histéricos com as notas), outras aulas, a máquina de escrever. Dispersa, dispersada. Queria “ser” uma coisa (o que é que você vai SER quando crescer?).

As rasuras no papel correspondem a atos falhos?

Vê então se me escreve, gostei tanto de te ler e te ouvir.

Beijos muitos,

e saudades,

e venha cá,

e até

Ana (FREITAS FILHO; HOLLANDA, 1999, p. 21).



Na literatura contemporânea em língua portuguesa, destaca-se a produção literária de Marco Lucchesi, membro da Academia Brasileira de Letras. Sua obra perpassa oscilações epistolares estilisticamente originais e tem mantido um viés de alta qualidade literária epistolar na passagem dos séculos XX para XXI. Dentre seu acervo, leem-se, por exemplo, as cartas trocadas com a conceituada médica psiquiatra Nise da Silveira, em que esta revela sua erudição literária e delicada alma poética em passagens como esta de 9 de dezembro de 1990:

O sagitário, seu símbolo, diletíssimo Marco, exprime o nexa entre a terra e a poesia-céu. A violenta tensão do impulso do arco é um movimento intenso e perigoso. Dividir a tensão entre os extremos seria talvez salutar. Mas se o fascínio da poesia-céu é irresistível, a distensão será inevitável. Aceite seu belo destino. Grande beijo, Nise. (LUCCHESI, 2003, p. 29).

A originalidade literária de Lucchesi o tem mantido em constante diálogo com o gênero epistolar na atualidade. Seu destinatário mais recente: o leitor. “Nove Cartas sobre a Divina Comédia: navegações pela obra clássica de Dante” (2013) e “Carteiro Imaterial” (2016) mantêm, contemporaneamente, o gênero epistolar como alta literatura ensaística, em tempos em que os e-mails, dentre outras correspondências eletrônicas, redefinem o gênero.

6. Do epistolar ao e-pistolar

Nesse início do século XXI, a literatura epistolar tem ganhado interessante rede(finição) à luz das novas tecnologias, passando, inclusive, a ser chamada de e-pistolar. Embora ainda tenhamos pouco a dizer sobre as produções nesse novo gênero, há intensos índices de que, em vez de desaparecer, o romance epistolar tem, na verdade, transformado-se por meio de novos alcances, mantendo um diálogo entre a cultura impressa e a virtual num percurso de mão dupla: do impresso ao virtual; do virtual ao impresso. Veem-se, portanto, índices de uma nova tendência literária que, em vez de levar ao desaparecimento do gênero epistolar, pelo contrário, rede(fine) e, quem sabe, refina-o diante da possibilidade de novos talentos literários desenvolvidos no gênero nascente.

Nesse momento de rede(finições), em que os jovens utilizam simultaneamente suportes impressos e virtuais – estes últimos, por vezes, com mais desenvoltura do que os adultos, diga-se de passagem – o gênero e-pistolar infanto-juvenil tem se destacado como nova produção literária, com livros impressos que se prolongam virtualmente por e-mails ou, ao contrário, livros que começam em caráter virtual, via e-mails e, posteriormente, é que passam ao suporte impresso. Exemplo disso é o sucesso da obra “P.S. Beijei!” (2004) de Adriana Falcão e Mariana Veríssimo, em que duas



adolescentes, Lili e Bia, discutem, simulando toda uma interação virtual via e-mails, a experiência do primeiro beijo.

Considerações finais

Posto o longo caminho do gênero (e)postal aqui percorrido, parece ficar evidente quanto ainda deixou de ser mencionado e exemplificado, dada a inesgotável riqueza desse gênero. Por outro lado, é possível também notar que, independentemente da época em que se dá a correspondência escrita entre humanos, esse tipo de produção textual tem se mostrado elemento comunicativo fascinante, revelador, em devir, de estilos e vozes literárias da antiguidade aos nossos dias, renovando-se, aliando-se, rede(finindo-se), mas sempre mantendo-se viva como produção literária incessantemente ativa desde seu surgimento.

Constatação, enfim, da feliz metáfora criada por Deleuze e Guattari de que “as cartas são um rizoma, uma rede, uma teia de aranha” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 59).

Referências

ASSIS, Machado de; NABUCO, Joaquim. **Correspondência**. São Paulo: Editora Globo, 1997.

BARBOSA, Socorro de F. P. A escrita epistolar como prosa de ficção: as cartas do jornalista Miguel Lopes do Sacramento Gama. **Revista Desenredo**. Passo Fundo, v. 7, n. 2, p. 331-344, jul./dez. 2011.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um Discurso Amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. **O Grau Zero da Escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENITES, Marcus Vinicius. Resenha de Tradução: Ovídio. “Cartas Pônticas”. **Scientia Traductionis**, Florianópolis, n. 10, p. 266-269, jan. 2011.

BUENO, Wilson. **As cartas-poema de Ana C**. Anexo, 1999. Disponível em: <http://www1.an.com.br/1999/dez/07/0ane.htm>. Acesso em: 07 out. 2016.

CARVALHO, Diógenes B. A. A Literatura InfantoJuvenil Contemporânea: entre cartas e e-mails. In: XII Congresso Internacional da ABRALIC: Centro, Centros – Ética, Estética, 18 a 22 de julho de 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0233-1.pdf>. Acesso em: 02 out. 2016.



CASA Fernando Pessoa. Disponível em: <<http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=7347>>. Acesso em: 23 out. 2016.

CAVALCANTE FILHO, José Paulo. **Fernando Pessoa: uma quase autobiografia**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

COSTA, Cristiane. Artigo: por uma ideia de literatura expandida. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 jun. 2011. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/artigo-por-uma-ideia-de-literatura-expandida-387143.html>>. Acesso em: 02 out. 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: para uma literatura menor**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Dois Regimes de Loucos**. São Paulo: Editora 34, 2016.

DIÁLOGO Epistolar entre José de Alencar e Machado de Assis. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/calves23.html#resposta>>. Acesso em: 23 out. 2016.

ESPÓSITO, Bruno; BONOMI, Tomás; MANGOLINI, Bruno. **As três cartas de Bergson a Deleuze**. Conexões Clínicas, 2014. Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/as-tres-cartas-de-bergson-a-deleuze>>. Acesso em: 02 out. 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREITAS FILHO, Armando; HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Ana Cristina Cesar: correspondência incompleta**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

GUTIÉRREZ, Jorge Luis. **Resenha do livro A Peste de Albert Camus**. Albert Camus em Português, 1997. Disponível em: <<http://revistapandorabrasil.com/camus/resenhabarthes.htm>>. Acesso em: 02 out. 2016.

_____. **Carta de Albert Camus a Roland Barthes**. Albert Camus em Português, 1997. Disponível em: <<http://revistapandorabrasil.com/camus/cartacamus.htm>>. Acesso em: 02 out. 2016.

_____. **Resposta de Roland Barthes a Albert Camus**. Albert Camus em Português, 1997. Disponível em: <<http://revistapandorabrasil.com/camus/cartabarthes.htm>>. Acesso em: 02 out. 2016.

KAFKA, Franz. **Carta ao Pai**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

LEMINSKI, Paulo; BONVICINO, Régis. **Envie meu dicionário: cartas e alguma crítica**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUCCHESI, Marco. **Carteiro Imaterial**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

_____. **Nove Cartas sobre a Divina Comédia: navegações pela obra clássica de Dante**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.



_____. **Viagem a Florença: cartas de Nise da Silveira a Marco Lucchesi.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

LUIZ, Fernando Teixeira. **Cartas na manga e a literatura infantojuvenil contemporânea.** Revista Literatura. Disponível em: <<http://literatura.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/36/artigo218992-1.asp>>. Acesso em: 02 out. 2016.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários.** São Paulo: Cultrix, 2004.

MORAES, Marcos A. (org.). **Correspondência: Mario de Andrade e Manuel Bandeira.** São Paulo: Edusp, 2000.

MOTTA, Leda Tenório. Roland Barthes e seus primeiros toques de delicadeza minimalista. Sobre o grau zero da escritura. **Alea: Estudos Literários Neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 233-247, jul./dez. 2010.

PESSOA, Fernando. **Obra Poética.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

REBELLO, Lucia Sá. Ars Poetica de Horácio: o texto original. **Organon**, Porto Alegre, v. 29, n. 56, p. 259-277, jan/jun. 2014.

RILKE, Rainer Maria. **Poemas e Cartas a um Jovem Poeta.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.

SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. **Cartas Perto do Coração.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação Ubíqua.** São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Navegar no ciberespaço.** São Paulo: Paulus, 2004.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio.** Trad., pref. e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

ZUMTHOR, Paul. **Correspondência de Aberlardo e Heloísa.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.